



Rogério Barbosa da Silva
(org.)

Série Críticas de Poesia
Volume I

Poéticas do Coletivo

Camilo Lara

Primeiras Edições, LED/CEFET_MG
2025

Poéticas do Coletivo

Camilo Lara

Poéticas do Coletivo

Professor Coordenador
Prof. Dr. Rogério Barbosa
da Silva

Editora
LED: Editora-laboratório
do CEFET-MG

Autor
Camilo Lara

Preparação textual e Revisão
Bárbara Moreira
Bruna Diniz
Yolanda Falinácia
Pedro Antônio

Capa e Projeto Gráfico
Fernanda Monteiro
Isabelly S. Freitas

Projeto Gráfico
Ariane Machado
Fernanda Monteiro
Isabelly S. Freitas

Diagramação
Ariane Machado
Fernanda Monteiro
Isabelly S. Freitas
João Pedro Bueno

L318	Lara, Camilo
	Poéticas do coletivo. Camilo Lara.Organização: Rogério Barbosa da Silva. Belo Horizonte: LED, 2025.
	52 p. (Primeiras edições)
	ISBN: 978-65-87948-58-4
	1. Poesia brasileira. I. Título.
	CDD: B869.1
	Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Universitária Bibliotecário: Wagner Moreira de Souza – CRB/6-2623

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	7
I. COLETIVO	
Glossário feito em casa.....	9
II. TEXTOS CRÍTICOS	
Publicações poéticas coletivas.....	14
Publicações coletivas impressas.....	18
III. EXEMPLOS	
Coleção Poesia Orbital.....	24
Dezfaces sexta edição.....	26
IV. QUESTIONAMENTOS E REFLEXÕES	
Entrevistas com outros coletivos.....	29
V. BIOGRAFIA.....	38
VI. HOMENAGENS.....	40
VII. REFERÊNCIAS.....	46

mais poeta e editor¹
menos doublê de produtor

prevejo sua trilha
pelas ruas do lugar

mãos acompanham o traçado
do próximo número:
fui ali, volto já!

1. Poema de Camilo Lara “perfilando numes #1” contido em Poemas de Antologia Dezfaces, p. 54.

PREFÁCIO

Este primeiro volume da *Coleção Primeiras Edições* apresenta *Poéticas do Coletivo*, de Camilo Lara. Os textos aqui reunidos, publicados originalmente no jornal *Dezfaces*, inserem o leitor no ambiente da produção poética coletiva e marginal dos anos 2000 no qual uma polifonia de vozes carregadas de criatividade explora as fronteiras da expressão poética. A “poética do coletivo” foi uma proposta que transcendeu as limitações do individualismo e se caracterizou pela colaboração, pelo diálogo e pela diversidade de poetas gerando não uma poesia coletiva no sentido homogêneo que o termo pode vir a denotar, mas sim uma poesia diversa, feita de muitas e diferentes formas por múltiplos e diferentes poetas.

Conhecer *Poéticas do Coletivo* é mergulhar em um oceano de perspectivas. Jornais como o *Dezfaces* carregavam fragmentos dessa tessitura coletiva que se expressava por meio de imagens e palavras. Os artistas envolvidos no movimento possuíam — e possuem — a notável habilidade em criar uma atmosfera de comunhão e respeito mútuo, de reconhecimento e valorização das vozes. O objetivo era espalhar poesia de uma forma poética e vanguardista: espalhar poesia coletivamente sem apa-

gamentos ou estrelismos. A prova desse objetivo comum é a diversidade de estilos e de abordagens presentes nas publicações organizadas por Camilo Lara. São composições fluidas nas quais a poesia habita nas entrelinhas, nas pausas e nos silêncios; sutilezas potentes que reverberam no leitor. Este livro celebra a composição de Camilo Lara. É um manifesto-homenagem a este poeta-editor que reconfigurou a poesia e a forma de circulação da poesia. *Poéticas do Coletivo* nos convida a refletir e abraçar o novo, transformar os espaços e construir novas possibilidades por meio de organizações de coletivos que evoquem a diversidade e a polifonia.

I. COLETIVO

Glossário feito em casa

Coletivos – substantivo coletivo; um substantivo que, no singular, designa um conjunto de coisas, pessoas, animais ou

Antologia do eu lírico

Analecto de textos literários

Poema de palavras cultivadas para fins

Alfabeto de letras em determinada ordem

Armada de navios no espaço

Arquipélago de ilhas

Assembleia de sócios e não-sócios de um negócio

Assistência de espectadores

Bagagem de inutensílios

Banca de examinadores, de revistas, de mercadores

Biênio de dois anos

Boana de peixes miúdos

Cacho de bananas, bananas, bananas

Câmara de poetas oficialmente reunidos

Cancioneiro de poesias líricas

Caravana de diletantes, turistas, peregrinos

Clientela de clientes, freguês

Constelação de estrelas

Coro de contentes

Congregação de professores

Poéticas do Coletivo

Cordilheira de montanhas

Crestomatia de textos poéticos

Discoteca de discos-letras raras

Esquadra de navios naufragos

Fauna de animais

Florilégio de textos literários

Freguesia de clientes

Frota de navios em fuga

Galáxia de palavras em fluxo

Girândola de foguetes

Hemeroteca de jornais, de revistas

Horda de aventureiros, de maconheiro, de salteadores

Legião de soldados, de de anjos, de demônios

Estância de versos decassílabos

Miríade de palavras em linha

Nuvem de calças

Plêiade de poetas emergentes

Plumagem de penas

Parnaso de textos poéticos

Renque de metáforas em fila

Seleta de textos literários

Ramalhete de ruas

Poéticas do Coletivo

Revoada de aves em revoo
Tertúlia de amigos em assembleia

(Dezfaces, n. 3, fase 2, 2009, p. 11)

II. TEXTOS CRÍTICOS

Publicações poéticas coletivas

Em sua coluna no *Dezfaces* #1 – fase 2 (novembro de 2008), o ensaísta Rogério Barbosa da Silva pontua a existência de uma tendência do poeta, na contemporaneidade, “em organizar seu próprio paideuma²”. Essa tendência pode ser observada também na estruturação de diversas publicações coletivas de textos literários que buscam um referencial teórico/prático para a composição de suas linhas editoriais. A questão posta sugere a indagação: quais caminhos asseguram o discurso neste território das escolhas? Diversas estratégias são adotadas por essas publicações coletivas no trânsito deste complexo território. Não se trata da adoção ortodoxa da ideia poundiana³, mas “simplesmente” de apontar as possibilidades de diálogo com as tradições poético-literárias e/ou de ter a capacidade de utilizar processos/procedimentos poéticos que con-

2. A expressão diz respeito à organização do conhecimento das obras e de autores do passado que mantêm uma correspondência viva com a escritura do presente. Foi utilizada por Ezra Pound para explicar a sua afinidade com determinados autores que o precederam.

3. Refere-se ao paideuma proposto por E. Pound para a poesia.

tribuem ou condicionem a formação e a produção estética dos envolvidos.

Se nos anos de 1960, a confluência de dois lados – participação política e experimentalismo de vanguarda – permeava o debate e pontuava a dialética da poiésis⁴ produzida/publicada, como identificar, hoje, os contornos das escolhas diante das “pulverizações das tendências e das tradições literário-artísticas”?

Essas questões levantadas parecem orientar as estratégias adotadas por várias publicações coletivas, ou seja, a busca em explicitar “o lugar” ou o “não lugar” do gesto inaugural. Aqui, retomamos a reivindicação do “coletivo” como um lócus que se opõe à “celebridade individualizada”. Nos dois números do *Jornal Inferno*, publicados em Belo Horizonte em 1999, podemos encontrar o enfrentamento dessas questões. No seu editorial-manifesto, estão sinalizadas a rememoração de diversas intervenções coletivas anteriores e a atualização da nova empreitada: Percorrendo essas mesmas trilhas, o jornal de poesia *Inferno*, editado pela Associação Cultural Pandora, procura, no presente, reincor-

4. Palavra de origem grega que significa criação ou produção, e pensada pelo filósofo Martin Heidegger como iluminação. Diz respeito então ao processo criativo dos poetas.

porar e ampliar essa intervenção, buscando novos modos de reler e repensar a poesia e questões de poética; superar o mito do poeta-herói-subjetivista-individualista; e realizar novas interlocuções, participando criticamente da cena poética de nossa cidade e de além muros.

Outros exercícios foram realizados pelos poetas-editores do *Jornal Inferno*, voltados para a explicação de suas escolhas. Utilizando como orientação, por exemplo, a categorização de poemas/ autores proposta por Ezra Pound e as Seis propostas para o próximo milênio, de Ítalo Calvino, os poetas-editores realizaram um cruzamento de diagramas, articulando um “paideuma coletivo”, no entrelaçamento sugestivo das proposições: som/imagem/verbo/invenção/síntese/crítica/rapidez/utopia/multiplicidade. No cômputo final as proposições/procedimentos sinalizavam a volta-gem editorial da publicação.

Portanto, o salto de tigre de uma publicação coletiva de textos literários pode passar, num primeiro momento, pela estrutura de seu discurso no território das escolhas, pela instância dos textos caseiros. Posteriormente, aparecem os colaboradores/ interlocutores. A história agora é outra: como priorizar colaboração? De quem? Do quê? Ou, talvez,

trilhar pelo caminho inverso: “a descoberta durante o percurso”. Em ambos os casos, escolhas são feitas.

(Dezfaces, n.3, 2009, p. 23)

Publicações coletivas impressas

Em meio a tantos blogs, sites e revistas eletrônicas dedicadas à edição de textos literários, continua a pulular aqui e ali publicações coletivas de textos poéticos em versões impressas, mostrando a permanência e o uso desse suporte gráfico em relação ao mundo internauta.

Mesmo que essas publicações impressas, em formatos variados - do jornal ao boletim - tenham uma trajetória efêmera, quando examinamos edições das últimas décadas em Belo Horizonte e no interior de Minas, seu valor se perpetua. São registros de ações de determinados coletivos compostos por poetas-editores, que buscam definir parâmetros de publicação, tendências poéticas e estratégias de circulação, dotando a pólis de uma vida literária e buscando um lugar próprio na identidade do espaço urbano.

Tendo como nexo comum a autoedição, essas publicações coletivas de textos literários demonstram a capacidade de articulação de grupos de poetas-editores, que, junto com seus colaboradores/convidados, buscam uma perspectiva plural para suas propostas/projetos editoriais. Cumprem, muitas vezes, o papel de aglutinar em um mesmo ambiente diversas tendências líricas isoladas e individuais.

Talvez seja esta a dimensão do trabalho coletivo: as afinidades estéticas vão se tecendo no âmbito/no processo de construção das próprias publicações e, quando estas adquirem uma vida material/impresa mais longa, essas afinidades vão consolidando um corpus operandi mais definido em termos de sua trajetória poética e de sua linha editorial.

O certo é que tais publicações periódicas continuam perpetuando-se ao longo dos anos. Uma breve mostra recente dessas publicações pode ser encontrada, muitas vezes, por acaso, em balcões de livrarias, cinemas, centros culturais, bibliotecas, lançamentos ocasionais etc. Algumas vezes, elas também nos chegam pelas mãos de amigos e curiosos desavisados.

É evidente, portanto, que as publicações coletivas impressas, particularmente nos formatos de jornal, boletim, folheto, envelopes, zines, etc, não esgotaram seu ciclo e continuam sendo veículos de intervenções estéticas, seja de poetas/escritores éditos e, em muitos casos, de escritores/poetas inéditos.

Uma preocupação é constante em muitas dessas publicações coletivas: o cuidado com o projeto gráfico das edições. As imagens (fotos, desenhos, intervenções visuais) não constituem meras ilustrações, mas interagem com os respectivos textos,

sejam poemas, prosa, micronarrativas, artigos e/ou entrevistas. Esse diálogo, geralmente, permite uma conformidade gráfica com a proposta editorial da publicação, criando uma linguagem particular criando uma linguagem particular para o projeto.

Em um breve passeio para captar a trajetória recente dessas publicações coletivas, conseguimos elencar as seguintes mostras: Pausa – em sua oitava edição, de outubro de 2008 – Belo Horizonte (editores: Alexandre Fantagussi, Erick Costa, Maraíza Labanca e Rafael Reis); Embrulho de Banana – zine postal rodado em Belo Horizonte até a edição 14 (junho de 2007) e em São Paulo, a n. 15 (editado por Camila Conti); Paideuma – folheto-envelope lançado em julho de 2008 em Belo Horizonte (editado por Carol Lara); A Ponteira – Publicação do Diretório Acadêmico da Faculdade de Letras da UFMG em abril de 2006; Barkaça – Folheto produzido em Divinópolis-MG, com o número 4 lançado em julho de 2008 (editado por Carlos Antônio Lopes Corrêa, David William de Oliveira e Luis Antônio Teixeira); A Parada – número seis lançado em julho de 2008 em Belo Horizonte (editado por Daniel Bilac e Valquíria Rabelo e conselho editorial: Chico Loppes, Deivid Junio, Flávio Gonçalves).

O princípio norteador presente em muitas destas publicações é a necessidade de explicitar e reafirmar o ofício do projeto. Muitos desses princípios se transformam em manifestos editoriais. Deixando que eles falem por si só. Destacamos os seguintes trechos de alguns deles:

As pausas: jornal mais de escrita que de informação. A busca de uma linguagem que se fale no espaço de um intervalo – nada se pretende fundar, apenas interromper. Nada contra os recursos cibernéticos, quase ilimitados, mas tentar o infinito nos limites da página. A opção pelo jornal: crença na autonomia da palavra impressa, a possibilidade de distribuir os jornais pela cidade como cartas certas a um destinatário – um leitor qualquer. (Pausa, número Zero/janeiro de 2008).

Ou:

Se navegar é preciso, nem sempre é possível atravessar incólume as águas conturbadas pela abundância de corsários inescrupulosos, que infestam o mercado editorial com informações truculentas. Em defesa própria contra o sensacionalismo vigente, os folhetos BARKAÇA revestem-se com dez-farces camaleônicos (ou piratânicos?), para assegurar o fluxo ininterrupto da imaginação artística. (Barkaça, número 4, julho de 2008).

Ou:

Apesar das crises e das dificuldades, a gente foi disciplinado e chegou até aqui, na edição de aniversário. Aproveitando este momento célebre, quero dizer a você que este Embrulho de Banana surgiu, literalmente, da noite para o dia. O que só vem comprovar que ideias, por mais idiotas, pretensiosas ou absurdas que pareçam, nem sempre são tão idiotas, pretensiosas ou absurdas a ponto de não poderem ser colocadas em prática. (Embrulho de Banana, número 13, março/abril de 2007).

(Dezfaces, n.1, 2008, p. 17)

III. EXEMPLOS

Coleção Poesia Orbital

A *Coleção Poesia Orbital* foi um dos eventos marcantes da cena cultural de Belo Horizonte em 1997, ano do centenário da capital mineira. São 62 livros de 67 poetas, organizados por alguns grupos editoriais da cidade (Cemflores, Dazibao, Fahrenheit e Razão de Dois) que já vinham trabalhando com publicações coletivas de textos literários em diferentes formatos gráficos, como afirmou ao blog A Parada um dos coordenadores da coleção, Camilo Lara, comparando-a a outra iniciativa, o projeto *Dezfaces*, realizado anos depois. “Na verdade, várias órbitas poéticas transitaram ou circularam pela coleção, traduzindo a um só tempo a autonomia de cada autor, de cada grupo editorial, de cada tendência, e, também, a possibilidade do encontro dessas diferenças. O projeto *Dezfaces* contou com a presença de muitos poetas-editores que colaboraram com o *Poesia Orbital*. Além disso, retoma também a questão da autonomia editorial. Se na *Coleção Poesia Orbital*, cada poeta respondia pelo seu livro, pelos seus versos, o *Dezfaces* espelha também um pouco isso. Cada núcleo editorial do *Dezfaces* teve autonomia para produzir o seu jornal, a sua edição. No entanto, no conjunto das 10 edições, há um nexo: a

realização de um passeio por várias vozes da poética belo-horizontina atual.”

(Texto sobre a *Coleção Poesia Orbital*, com base em entrevista de Camilo Lara, pelo blog *Cartógrafos da Vertigem Urbana* - <https://cartografos-davertigemurbana.wordpress.com/2015/07/29/colecao-poesia-orbital/>)

Dezfaces sexta edição

A expressão que pode definir melhor essa edição do dezfaces é: o coletivo dentro do coletivo. Na medida em que a proposta do dezfaces é lançar mão de um instrumento editorial coletivo, para promover um “passeio” por várias vozes da poética belo-horizontina, essa edição de nº 6 ressalta outras interfaces de coletivos editoriais. O que nela apresentamos é exatamente algumas experiências de publicações coletivas de textos literários produzidas na cidade de Belo Horizonte. O que define o perfil dessa “poética do coletivo” é a natureza organizacional das mesmas. Idealizadas por um grupo de poetas-editores ou mesmo pela iniciativa individual de tantos outros, conta sempre com o auxílio luxuoso de colaboradores que contribuem para definir as nuances das publicações. Elas buscam romper as malhas intrincadas de um sistema literário, os bloqueios culturais e as limitações econômicas. Por isso, os próprios poetas definem as tarefas relativas à política editorial, à produção gráfica e à divulgação. Assim, essas publicações constituem lugares, nos quais as afinidades e/ou acordos tácitos são tecidos, e a poesia se reafirma como elemento vivo, emblemático. Nesse sentido, o *Dezfaces* nº 6 destaca as iniciativas

editoriais tão bem sucedidas do grupo A Parada, da revista Mininas e do Mural poético Mulheres Emergentes. Compondo o quadro registra-se, também, a presença de poetisas que se uniram em torno da *Coleção Poesia Orbital* há dez anos atrás e, que hoje, continuam com uma produção poética expressiva.

No encarte do jornal, a Antologia Dazibao dá continuidade ao roteiro de publicações coletivas de textos literários que carregam o nexos “dazibao”.

(*Dezfaces*, n. 6, 2007, p. 2)

IV. QUESTIONAMENTOS E REFLEXÕES

Entrevistas com outros coletivos

Duas questões síntese foram sugeridas para os editores do Jornal *Pausa* e do Jornal *A Parada*.

Letra A: Qual a proposta editorial/perfil da publicação?

Letra B: Qual o significado da “ Poética do coletivo” para vocês?

A coluna publica na íntegra as considerações sobre.

Jornal *Pausa*

Letra A

Nossa proposta editorial, desde o início, foi pautada pela ideia de leveza. Quando estávamos ainda na fase de idealização do *Pausa*, imaginamos um suplemento que fosse portátil, simples e bonito. Limpo, algo agradável de se ver; por isso valorizamos tanto as ilustrações e os espaços em branco.

Nosso foco, entretanto, é a literatura. E quanto a isso, gostamos de publicar textos que, independentemente do gênero, da linguagem, do estilo, etc. consigam transmitir alguma experiência de escrita; textos que tenham uma potência afetiva. Por isso costumamos dar tão pouco destaque ao autor; não

para diminuí-lo, mas para chamar mais a atenção do leitor texto mesmo.

Letra B

Concordo com o que você escreveu na sua coluna do *Dezfaces*, a respeito do “nexo comum” dos atuais suplementos. De fato, à semelhança do cronista que busca dar um testemunho do seu tempo, ser a voz de uma época, nossa intenção, para além de criar um espaço de publicação caseira (nossos próprios textos), é buscar e valorizar os escritores que batalharam e/ou estão batalhando pra fazer “gitar” o saber literário. Uma experiência de leitura e de escrita plural, diversa, mas dentro de uma proposta singular que pretendemos que seja singular, a qual vem se delineando e amadurecendo a cada nova publicação...

Jornal A Parada

Letra A

A parada: gíria que designa qualquer coisa. Mesmo no início, no número 1, que é o gérmen do que a publicação é hoje, a aposta já era na indefinição, na possibilidade de descobrir durante o percurso e não a priori. Justo isso, propicia que o jornal cresça, se modifique e amadureça. Gíria: lado b da língua;

linguagem alternativa. Porque o jornal a parada é uma versão extraoficial e não sigilosa da mentira; hibridismo e polifonia. O processo editorial articula autores e linguagens de modo a formar um macro discurso. Cada edição é uma nova colagem onde a diversidade é o ponto fundamental; Ser um canal de divulgação e, por consequência, um estímulo à produção poética/literária/etc. para autores estreados, medianamente conhecidos e consagrados: há vagas

A Parada é uma publicação coletiva e não um coletivo. trânsito livre. contato/diálogo/interação entre autores, núcleos e linguagens. ponto central do seu pequeno sistema solar. bibliografia recomendada: poesia orbital. via de mão dupla. promover o acesso do poeta/artista/escritor ao leitor e vice-versa.

Letra B

O grande atrativo de se trabalhar coletivamente é a intensidade da interlocução. O coletivo estabelece um lugar onde a troca de ideias e proposições se dá aberta e constantemente, alimentando a expectativa e a motivação de cada um. e cada um é muito importante. a concordância não é um pré-requisito, pois a poética do coletivo não é uma poética coletiva, é uma poética da

diversidade e da convivência, da miscelânea, da miscigenação e, portanto, da experimentação. A renovação está muito ligada à circulação, e trabalhar coletivamente cria uma circulação interna própria, uma vascularização poética, política, ideológica, social, criativa, geracional, cultural. a aspiração do coletivo é reproduzir no seu ambiente de atuação essa mesma propensão à discussão que se dá internamente, o que possibilita que seus integrantes e agregados participem de outras coletividades maiores: o bairro, a cidade, o estado, o país, etc., sobretudo através da criação de canais de divulgação das produções feitas pelo grupo, de forma a potencializar o alcance das propostas e das questões levantadas.

(Dezfaces, fase 2, n. 2, 2008, p. 2)

Perguntas e respostas

Camilo Lara: Qual o lugar ou o não-lugar das publicações coletivas de textos poéticos no cenário literário atual? Poetas “artistas” se lançam na dura tarefa de criar e abastecer aparelhos produtivos voltados para publicações coletivas de textos poéticos em formatos gráficos variados. Muitos não se

contentam em individualizar suas edições e se inscrevem na categoria de poetas-editores: reagrupando nomes, temas, metafísicas prementes, diagnoses da poética contemporânea etc. Sem querer fazer vanguarda em casa, proclamam um poder de exibição de suas publicações além do bairro, da cidade, da vitrine, da sociedade, do espetáculo. Como lançar indagações além dos muros? Quais as potencialidades técnicas reservadas para tal empreendimento?

W.: Tornou-se lugar comum apontar a quantidade de pessoas que se querem poetas e a quantidade de publicações que desejam ser recebidas como poesia. Isto é um fato. Na atualidade, há um número de escritores que produzem um espaço literário quase impossível de ser percorrido com os olhos em toda a sua extensão.

Camilo Lara: Como abastecer aparelhos produtivos e transformá-los diante das redes intrincadas de um sistema literário editorial?

M.F: ... a poesia tem um papel na sociedade, um terreno privado que se não for bem lavrado prejudicará essa mesma sociedade e que aquele papel deve ser exercido pelo poeta com toda a responsa-

bilidade profissional com que uma tarefa de alcance social deve ser empreendida.

Camilo Lara: Como inscrever as obras no interior das relações literárias de produção de uma época, sem trair a sua poesia, que, como indaga o poeta: não valenada? *Carlos Augusto:* Nos anos 1970, as revistas coletivas foram consideradas por Leminski como “os maiores poetas (escritos)”. Saída, ao mesmo tempo, para o estrangulamento, algumas vezes literal, das possibilidades de edição, e para a necessidade de autonomia frente ao establishment cultural. Sua provisoriedade e agilidade se adequavam às vigentes condições de combate. “Uma gráfica em cada cozinha”, propunha, aqui em Belo Horizonte, o grupo/revista *Cemflores*. Hoje, diante, dos avanços técnicos e da ampliação das mídias, entre outros aspectos, a publicação coletiva se reveste de novas motivações. Ancorada na consciência dramática da permanente luta da poesia frente aos limites sociais da língua, a opção pela ação coletiva, além da intenção de estabelecer novos territórios e remapear a cena poética, tem entre seus objetivos o de possibilitar frequentes intervenções urbanas e o diálogo público a respeito de questões culturais mais amplas.

Marcelo Dolabela: Publicação coletiva não é só um amontoado de colaboradores e de textos, tem que ter “liga”, proposta e projeto comum. Hoje, em tempos bicudos de hiper-individualismo, a maioria não passa de “bonde”, no mal sentido da palavra. A saída é retomar as organizações em grupo, estabelecer um discurso comum – de experimentação com a linguagem à luta por causas sociais – e partir para a luta.

Adriana Versiani: A unidade na diversidade. O coletivo revoluciona os sentidos, amadurece a linguagem, apura o “ouvido” para o “olhar” do outro. O lugar é a qualquer momento.

Rogério Barbosa: Eis uma difícil equação para os escritores, principalmente os mais jovens. A saída para as publicações coletivas cria, num primeiro instante, perspectivas para os projetos individuais dos jovens escritores, uma vez que essas publicações propiciam um diálogo tão difícil nos tempos de um individualismo exacerbado. A publicação é também uma opção para projetar na cena literária a produção de um grupo que se inscreve partícipes de um tempo e de um espaço. No entanto, o que constitui o escritor, o que permite esculpir a sua

marca num determinado sistema literário é a sua obra – o seu solitário e irremediável trabalho de escrever/inscrever.

Ana Caetano: Quais fazeres e veículos da modernidade tardia são pátria para a poesia? A poesia já imigrou da linguagem oral para a escrita, já se mesclou à música dos trovadores medievais, e virou signo pop no blues/jazz americano, no cordel e na música popular brasileira. Já virou imagem impressa, exposta em galerias, surgiu em holograma, em fotograma, contaminou o cenário de cidades do mundo no universo da indústria da propaganda. Esses fazeres e veículos da modernidade tardia são meros diluidores ou verdadeiras pátrias da poesia?

Marcelo Dolabela: Ao mesmo tempo em que, hoje, a poesia se mescla a uma infinidade de linguagens, ela tem que mergulhar em suas estruturas e buscar – sempre – novas formas e palavras, “fazer o novo” e “desvelar vitalidades que estão esquecidas”. Assim, todos os veículos e vínculos são úteis. Porém, é premente que a poesia e os poetas não se acovardem e saibam manusear sua linguagem, sem se esquecerem de que, na base de todas as linguagens, está o ato “não-alienado” do fazer poético.

Adriana Versiani: A poesia é para sempre e a cada mudança do tempo sempre haverá algo novo que a “suporte”.

Camilo Lara: os meios serão sempre os meios. Seja no medievo, seja na cidade do simulacro virtual. As mensagens serão sempre as mensagens. Os signos serão sempre os signos. Os inventores serão sempre os inventores.

Rogério Barbosa: A poesia não tem pátria. O seu espaço é nômade; os seus meios, frágeis mecanismos de inscrição. O que pode e o que quer a poesia? “Uma viagem ao desconhecido”? uma “linguagem em estado de pureza selvagem”? “A liberdade da minha linguagem”? Limites ao léu - já dizia Leminski.

V. BIOGRAFIA

Camilo Lara nasceu em Itaguara, Minas Gerais, em 31.07.1959. Embora seja descrito como um poeta discreto, sua atuação na cena cultural de Belo Horizonte e Divinópolis, foi muito expressiva. Destaque nos movimentos culturais, em especial os marginais, Camilo foi uma figura marcante nas produções coletivas, e se fez presente em diversas manifestações artísticas relacionadas à poesia, à música e ao cinema. Formado em História pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), a atuação de Camilo Lara não ficou restrita apenas ao campo intelectual. Camilo foi um agitador cultural, um pensador que, ao lado de outros artistas, reconfigurou a forma de fazer poesia e produzir cultura. Uma de suas maiores características era ser agregador, isto é, Camilo não cultivava uma carreira isolada, e a marca de seu trabalho era o coletivo. Assim, como poeta-editor, participou de várias publicações coletivas, entre elas o *Dezfaces*, *Dazibao*, *Inferno*, e, ao lado de Rogério Barbosa e Wagner Moreira, editou a revista *Ato* no período de 2004 a 2006. Camilo faleceu precocemente em 27.08.2016, deixando um vazio no campo cultural, contudo sua obra continua a reverberar sendo inspiração para poetas de hoje e de sempre.

VI. HOMENAGENS

Abbey Road, por Rogério Barbosa

(Ao poeta Camilo Lara)

Talvez houvesse um caminho
para atravessar de volta o tempo
mais uma vez
E eu cantaria uma canção
de ninar

Houve outra vez um rapaz
que amava as palavras
sua arte
Como pequenos seixos
no lago

Ele amou o amor como poesia
A liberdade, a música das esferas.
A lírica
é uma canção dos Beatles.

Então
A Abbey Road é um presente
um contínuo do ser
A rua caminha na lua.

E eu caminho em sua sombra.

Poéticas do Coletivo

Não durma. Não
Se alarme.
Não chore.
Pensar é estar doente
do coração.

Ele quis
um grão de areia
preso a uma estrela.

Deve haver uma maneira
de ter de volta o tempo
além do tempo.

E eu cantarei
uma canção de Ninar.

(dez. 2016)

testando testando, por Wgnr

um dois três
¿camilo tá ouvindo
jojo was a man who thought he was a loner
but he knew it wouldn't last
jojo left his home in tucson arizona
for some california grass
¿tá bom aí
e o sorriso aberto no espaço se deixa ver inteiro
e o positivo elevado no ar aponta o valor dado
o durar da amizade na própria existência
um sentimento uma política que tende para o plu-
ral
um grupo que não para de crescer
dessubjetivado enlouquecido
a partilhar a poesia com todos que querem ouvir
com todos que querem ser em si
o afeto poético como rede em ligação desdobrada
um coletivo em contágio aberto indiscriminado
a dar um mundo de alegria como a prova dos nove
he say I know you you know me
one thing I can tell you is
you got to be free

Poéticas do Coletivo

come together right now
over me
caminho na memória a possibilidade de diálogo
suspense o passo o poeagora fala de si expansivo
condição amorosa que sulca palavra a palavra
luz a clarear risonha a vivência comum do presente
saude que afi rma a presença saudável feliz
pensamento no ato de viver o verso em tudo
o gesto silencioso da mão
uma proximidade que ressoa como escrita
o coração bate por aí afora
a poesia pulsa aqui no instante
um dois três
testando testando

**Eslaide #28, por Carlos Antonio Lopes
Corrêa**

(para Camilo Lara)

tese e antítese

ouro raro de olhar estrábico
alvo caro de focar contrários

síntese
fino faro de mirar metáforas

VII. REFERÊNCIAS

Dezfaces: Jornal criado por Camilo Lara, Marcelo Dolabela e Carlos Augusto Novaes com o objetivo de publicar poetas resididos em Belo Horizonte. Além desses, foram editores do Jornal: Adriana Versiani, Álvaro de Andrade Garcia, Ana Caetano, Luciana Tonelli, Rogério Barbosa e Vera Casa Nova. O projeto gráfico, formatação e direção de arte foi de Glória Campos e Clô Paoliello/Mangá Ilustrações e Projeto Gráfico.

Inferno: Jornal literário rodado em Belo Horizonte sob a coordenação de Camilo Lara, Marcelo Dolabela e Ana Caetano.

Cemflores: Revista literária de inspiração marxista, que publicou durante o período de 1978 até 1982. Seu grupo de editores era formado por Marcelo Dolabela, Carlos Barroso, Luciano Cortez e Avanilton.

Pausa: Jornal literário impresso publicado em Belo Horizonte por Alexandre Fantagussi, Erick Costa, Maraíza Labanca e Rafael Reis, provavelmente, a partir de 2007. Alguns de seus números de 2008

a 2013 estão disponíveis na plataforma digital <https://issuu.com/pausa>.

Embrulho de Banana: Zine postal rodado em Belo Horizonte até a edição n. 14 em junho de 2007; a partir da n. 15 em São Paulo. Editado por Camila Conti.

Paideuma: Folheto-envelope lançado em julho de 2008 em Belo Horizonte (editado por Carol Lara).

A Ponteira: Publicação do Diretório Acadêmico da Faculdade de Letras da UFMG.

Barkaça: Folheto produzido em Divinópolis-MG, com o número 4 lançado em julho de 2008 (editado por Carlos Antônio Lopes Corrêa, David William de Oliveira e Luis Antônio Teixeira).

A Parada: O jornal foi fundado em 2004 por um grupo de estudantes do CEFET-MG. Destina-se a divulgar e a fomentar a produção literária e artística, bem como aproximá-la do público leitor. A publicação é constituída de poemas, contos, entrevistas, resenhas, crônicas e ilustrações.

“Abbey Road”, por Rogério Barbosa: P NA
REVISTA ZUNAI, v. 4, n. 1, 2018. Disponível
em: [https://zunai.com.br/post/162447503508/
esculturas-musicais-9-rogerio-barbosa](https://zunai.com.br/post/162447503508/esculturas-musicais-9-rogerio-barbosa)

testando testando, por Wgnr: Publicado em: *Cor-
pafeto*/ Organizadores: Alícia Teodoro... [et al.] –
Belo Horizonte: LED, 2021. p 279-271. Disponível
em: <https://www.led.cefetmg.br/corpafeto/>

Eslaide # 28, por Carlos Antonio Lopes Corrêa:
Dazibao 2015, Divinópolis, MG – cartela dobrável,
publicação FLID – Festa Literária de Divinópolis –

CRÉDITOS

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG)

Diretora-Geral

Carla Simone Chamon

Vice-Diretor

Conrado de Souza Rodrigues

Chefe de Gabinete

Danielle Marra de Freitas Silva Azevedo

Diretora de Educação Profissional e Tecnológica

Lilian Aparecida Arão

Diretor de Graduação

Moacir Felizardo de França Filho

Diretora de Pesquisa e Pós-Graduação

Láise Ferraz Correia

Diretor de Planejamento e Gestão

Flávio Luis Cardeal Pádua

Diretor de Extensão e Desenvolvimento Comunitário

Patterson Patrício de Souza

Diretora de Governança e Desenvolvimento Institucional

Carolina Riente de Andrade

Diretor de Tecnologia da Informação

Sandro Renato Dias

Diretor de Desenvolvimento Estudantil

Leandro Braga de Andrade

Departamento de Linguagem e Tecnologia

Chefe

Prof. Dr. Renato Caixeta da Silva

Chefe Adjunta

Prof. Dra. Natália Moreira Tosatti

Bacharelado em Letras - Tecnologias de Edição

Coordenadora

Prof. Dr. Luiz Antônio Ribeiro

Coordenador Adjunto

Prof. Dr. Guilherme Lentz da Silveira Monteiro

LED

Coordenadora

Profa. Dra. Elaine Amélia Martins

Vice-coordenadora

Profa. Dra. Ana Elisa Ribeiro

Comissão Editorial

Profa. Dra. Ana Elisa Ribeiro

Profa. Dra. Elaine Amélia Martins

Prof. Dr. José de Souza Muniz Jr.

Prof. Dr. Luiz Henrique Silva de Oliveira

Prof. Dr. Rogério Barbosa da Silva

Prof. Dr. Wagner Moreira

Conselho Editorial

Profa. Dra. Ana Cláudia Gruszynski (UFRGS, Brasil)

Profa. Dra. Andréa Borges Leão (UFC, Brasil)

Profa. Dra. Daniela Szpilbarg (CIS-IDES-CONICET, Argentina)

Profa. Dra. Isabel Travancas (UFRJ, Brasil)

Profa. Dra. Luciana Salazar Salgado (UFSCar, Brasil)

Prof. Dr. Luis Alberto Ferreira Brandão Santos (UFMG, Brasil)

Profa. Dra. Marília de Araújo Barcellos (UFSM, Brasil)

Prof. Dr. Mário Alex Rosa (UNI-BH, Brasil)

Prof. Dr. Mário Vinícius Ribeiro Gonçalves (CEFET-MG, Brasil)

LED é a editora-laboratório do Bacharelado em Letras: Tecnologias de Edição do CEFET- -MG. Tem por objetivo proporcionar ao corpo discente um espaço permanente de reflexão e experiência para a prática profissional em edição de diversos materiais. Tem como princípios fundadores: a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão; a integração entre formação teórica e formação prática; e a valorização do aprendizado horizontal e autônomo.

<https://www.led.cefetmg.br/>

A COLEÇÃO

Primeiras Edições é uma coleção que compreende séries de Crítica de poesia, Poemas e Contos. O projeto foi desenvolvido pelos alunos de Letras/Edição do CEFET-MG, sob a coordenação do professor Dr. Rogério Barbosa da Silva e integrado aos projetos da LED, a Editora Laboratório do curso.

As séries são compostas de pequenos livros impressos em pequenas tiragens, disponíveis também nos arquivos digitais da LED. Além disso, tem como objetivo suprir lacunas editoriais, no campo da crítica de poesia, e divulgar novos autores, bem como aqueles já consagrados mas com pouca circulação (em domínio público, autorizados por autores ou por seus representantes).

Trata-se, por fim, de um projeto de formação de editores e de ampliação do campo da leitura.

Livro produzido por estudantes do curso
de Letras - Tecnologias de Edição do CEFET-MG.
Foram utilizadas as fontes Palatino Linotype, Cormorant
Garamond e Eileen Caps.

Finalizado no verão de 2023. Publicado em julho/2025.

A Poéticas do Coletivo é uma coletânea de ensaios breves em que o poeta reflete sobre as publicações de poesia em Minas Gerais, constituindo-se, de certa forma, o registro do que foi também a sua trajetória de agitador cultural ao longo dos anos. O coletivo aí é um termo que explicita o subterrâneo das redes no espaço criativo, crítico e editorial da poesia. De fato, Camilo Lara esteve por dentro de seus bastidores, desde a sua atuação cultural no D.A do curso de História na UFOP, passando pela atuação artística, editorial e política nos vários grupamentos de escritores até a sua atuação como professor e articulador do Festival de Arte e Cultura do CEFET-MG. Um poeta que perfilou “numes” e fez do gesto poético criação.

